



Recebido: 03/12/2024 | Revisado: 17/01/2025 | Aceito: 30/01/2025 | Publicado: 05/04/2025



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

DOI: 10.31416/rsdv.v13i1.1269

A participação do homem como docente na Educação Infantil: uma revisão sistemática da literatura

The participation of men as educators in early Childhood Education: a systematic literature review

SANTOS, David Miranda dos. Graduado/Licenciatura Plena em Pedagogia

Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina. Avenida Cardoso de Sá, s/n, Cidade Universitária - Petrolina - PE - Brasil. CEP: 56.328-900 / Telefone: (87) 3866.6470 / E-mail: david.miranda@upe.br ORCID: <https://orcid.org/0009-00037928-5917>

MACÊDO, Michela Caroline. Doutorado/Licenciatura em Pedagogia

Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina. Avenida Cardoso de Sá, s/n, Cidade Universitária - Petrolina - PE - Brasil. CEP: 56.328-900 / Telefone: (87) 3866.6470 / E-mail: michela.macedo@upe.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0671-1191>

Resumo

A participação do homem como docente na Educação Infantil é um tema sensível quanto à sua aceitação em um espaço feminino. Busco despertar o desejo de reflexão sobre o tema proposto, e, para isso, a linguagem escolhida, provavelmente pelo meu lugar de fala, por vezes, beira o coloquial. Neste artigo, apresento dados que apontam para a feminização histórica e social da docência. Na legislação, procurei encontrar o perfil do educador de crianças. Ademais, dialogamos sobre os desafios de acesso e permanência do homem nesse ambiente. Objetivamos atingir os seguintes escopos: “Compreender a presença do homem como docente na Educação Infantil”; “Entender a autopercepção do professor homem docente na Educação Infantil”; “Levantar os desafios enfrentados pelo professor da Educação Infantil à luz das pesquisas científicas.” Para responder aos objetivos aventados, adotamos uma abordagem qualitativa a partir de uma Revisão Sistemática da Literatura. Os principais autores que embasam este artigo são: Apple (1988), Monteiro e Altmann (2014) e Souza (2010) que revelaram que o preconceito contra o homem na Educação Infantil é uma realidade e apontam os motivos para isso. Por fim, o efetivo trabalho docente masculino tem ajudado a mudar a opinião das pessoas ao seu redor, contribuindo para uma sociedade menos preconceituosa. Entendemos, também, que o homem é parte da sociedade e da vida de qualquer criança. Então, não é lógico que a docência na Educação Infantil lhe seja cerceada. Por isso, apesar dos desafios que os homens enfrentam, a sua presença na Educação Infantil é possível, benéfica e necessária.

Palavras-chave: estranhamento, família, sociedade.

Abstract

The participation of men as educators in Early Childhood Education is a sensitive topic regarding its acceptance in a predominantly female space. I aim to stimulate reflection on the proposed topic, and for that, the chosen language, likely influenced by my perspective, sometimes approaches the colloquial. In this article, I present data pointing to the historical and social feminization of teaching. In the legislation, I sought to find the profile of the children's educator. Furthermore, we discuss the challenges of men's access to and retention in this environment. We aim to achieve the following objectives: “Understand the presence of men as educators in Early Childhood Education”; “Understand the self-perception of male teachers in Early Childhood Education”; “Identify the challenges faced by Early Childhood Education teachers in light of scientific research.” To address these objectives, we adopted a qualitative approach based on a Systematic Literature Review. The



main authors supporting this article are: Apple (1988), Monteiro and Altmann (2014), and Souza (2010), who revealed that prejudice against men in Early Childhood Education is a reality and highlighted the reasons for this. Finally, the actual presence of male educators has helped change people's opinions around them, contributing to a less prejudiced society. We also understand that men are part of society and any child's life. Therefore, it is not logical to exclude them from Early Childhood Education. Despite the challenges men face, their presence in Early Childhood Education is possible, beneficial, and necessary.

keywords: strangeness, family, society.

Introdução

Este artigo nasce da minha experiência pessoal quando me questiono sobre ir realizar o estágio em Educação Infantil (EI) usando barba, inferindo que isso seria estranho para as crianças. Em meio a essa introspecção me deparo com o filho de uma colega de turma da faculdade, uma criança de aproximadamente dois anos de idade, que “estranhou” todas as pessoas da sala, exceto a mim, inclusive vindo para o meu colo brincar com a minha barba.

Percebi que a estranheza era minha, não das crianças. Logo, usei barba normalmente durante todo o período do estágio e fui muito bem recebido por todos.

Outro fator, é que atuo em educação desde 2012 e, nas instituições onde trabalhei, sendo 3 escolas no município de Lagoa Grande-PE, 4 escolas em Petrolina-PE, e mais 1 escola em que estagiei na Educação Infantil, também em Petrolina, pude presenciar apenas um professor homem atuando nesse espaço.

Identificado com essa etapa da educação, decidi buscar respostas para a questão: “Qual a participação do homem como docente na Educação Infantil?”

Para além das experiências pessoais, abordarei fatores históricos e sociais que podem estar contribuindo para o quadro atual da docência masculina na Educação Infantil, o que dá a este texto um caráter de grande relevância social.

Objetivei atingir os seguintes escopos: Objetivo Geral: “Compreender a presença do homem como docente na Educação Infantil”; e, Específicos: “Entender a autopercepção do professor homem docente na Educação Infantil”; “Levantar os desafios enfrentados pelo professor da Educação Infantil à luz das pesquisas científicas.”

Para alcançar esses objetivos, optei por uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) realizada na base do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do acesso da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), conteúdo pago pela Universidade de Pernambuco, com recorte temporal do ano de 2022 ao ano de 2024, utilizando as palavras-chaves: *homem, educação infantil e docência*.

Encontrei dezesseis artigos e criei critérios de exclusão para os mesmos. As análises apontam para o estranhamento que a presença do professor homem pode causar na Educação Infantil; a situação dos professores homens que atuam como docentes na Educação Infantil; os principais estranhamentos e subversões que cercam a trajetória dos professores homens que atuam na Educação Infantil, dentre outros aspectos que serão abordados na seção de análise.

Assim, para as análises, me apoio em Apple (1988), Monteiro e Altmann (2014) e Souza (2010) para os debates propostos neste texto.



Em seu artigo, “Ensino e Trabalho Feminino: Uma Análise Comparativa da História e Ideologia”, Apple (1988, n.p.) destaca a correlação entre a ocupação massiva do magistério pelas mulheres, outrora predominantemente masculina, e as mudanças da sociedade capitalista com claro controle e manipulação estatal.

Monteiro e Altmann (2014, n.p.) analisaram “a trajetória de homens que optaram por atuar como professores de Educação Infantil em uma rede pública que conta com apenas sete homens ocupando esse cargo” e constataram que “ingresso e permanência na profissão foram marcados por dificuldades características da área de atuação e por questionamentos e tentativas de segregação decorrentes de noções hegemônicas de masculinidade” (Monteiro e Altmann, 2014, op. cit.)

Por de meio de um estudo sobre a atuação de homens professores em creches, Souza (2010, p. 33) investigou “de que maneira um homem se constitui professor de creche, nas relações com suas colegas, com a direção e com as crianças e suas famílias”.

Conversar sobre as questões de gênero na Educação Infantil é imprescindível para entendermos que educação temos oferecido e praticado, e, analisarmos que educação queremos oferecer e praticar.

As discussões levantadas neste artigo deixam claro que a definição do feminino como gênero docente de crianças pequenas é uma construção social, histórica e política.

Assim, este texto é um convite à reflexão de porquê não um homem como professor de Educação Infantil?

Buscando respostas às questões suscitadas, o artigo foi dividido nas seguintes seções e subseções: “A feminização da Educação Infantil: uma visão legal, histórica e social”; “As percepções sobre o professor homem na Educação Infantil - o professor homem sob a ótica da sociedade e da comunidade escolar”.

Então, vamos conversar sobre isso?

A Feminização da Educação Infantil: uma Visão Legal, Histórica e Social

Esta seção é dedicada a discutir as seguintes questões: qual a origem das instituições de Educação Infantil? E a origem da profissão de educador? Há igualdade de oportunidades para homens e mulheres na Educação Infantil?

De acordo com Apple (1988, p. 16-17), “em 1870 (na Inglaterra), para cada 100 homens havia 99 mulheres empregadas como professoras. Mas, essa foi a última vez em que os homens as superaram numericamente”.

Na década seguinte, a quantidade de mulheres na docência já havia superado a dos homens em 56%, e, em mais cinco décadas já eram quase 300% a mais. (Apple, op. cit).

Aqui eu abro um “parêntese ideológico” para provocar uma reflexão: o que mais vimos mudar, ou avançar em um percentual de 300% nas últimas cinco décadas? Será que em cinquenta anos, pautas como o preconceito racial, a reforma agrária, Educação de Jovens e Adultos, ou o tema deste artigo terão avanços significativos em favor da população? Reflita também que o que possibilitou essa mudança drástica no magistério foi uma reestruturação da sociedade.

Depois de refletir essas questões, vejamos como a Educação Infantil tem acontecido no Brasil.



O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), foi o primeiro documento oficial a tratar da Educação Infantil como sendo uma etapa da educação, segundo o qual as ações de cuidado e educação não podiam estar desvinculadas, referindo-se ainda ao desenvolvimento integral da identidade da criança (Brasil, 1998).

A Educação Infantil é estabelecida na Constituição Federal de 1988 - CF/88 (Brasil, 1988) que a reconhece como dever do Estado, devendo ser oferecida dos 0 (zero) até os 5 (cinco) anos de idade em formato de creche e pré-escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), nos artigos 29 ao 31, dispõe sobre a organização e a finalidade da Educação Infantil, que é o desenvolvimento integral da criança nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, de forma complementar à ação da família e da comunidade.

Mais uma vez me permito abrir outro “parêntese” para expor as minhas indagações, pertinentes ou não. Dada a descrição da finalidade da Educação Infantil, de contribuir para o desenvolvimento integral da criança, e, que, a Educação Infantil exerce papel “COMPLEMENTAR” à ação da família e da sociedade, me parece, no mínimo inocência atribuir tanta importância ao gênero que irá atuar em complemento ao que a criança já experiencia (ou deveria experienciar) no seu dia-a-dia nas suas relações cotidianas. Como ainda não conseguimos entender o sentido da escola, suas finalidades e o papel dos seus atores, precisamos debater o que às vezes me parece óbvio.

A respeito do profissional da Educação Infantil, a LDB (Brasil, 1996) apresenta o seguinte

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: I - professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; II - trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; III - trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim; Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: I - a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; II - a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; III - o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades (Brasil, 1996).

A docência na Educação Infantil exige qualificação técnica e não há nenhuma referência legal quanto ao gênero para o seu exercício. Apesar do exposto acima, algumas situações revelam que homem que se aventura na docência da Educação Infantil precisa provar muito mais que qualificação técnica e habilidade, é necessário mostrar dia a dia que não se configura um risco para as crianças.

Apple (1988) diz que a feminização do magistério se deu primeiramente pelo abandono do homem por não ser rentável e suficiente para o sustento da família. Segundo, por que incutiu-se a ideia de que a criança precisaria ser cuidada, não ensinada, e, nesse caso, a mulher detém melhores habilidades.



Com a eclosão do capitalismo, aumentou a demanda de mulheres no mercado de trabalho e conseqüentemente a necessidade de maior cuidado com as crianças pequenas que precisavam ficar em casa, abrindo também uma nova via de negócio.

Assim, mulheres que não conseguiam trabalho nas fábricas ficavam responsáveis por cuidar das crianças filhas das operárias das fábricas. Souza (2010) reforça que a Educação Infantil surge dessa mudança socioeconômica causada pelo capitalismo.

No Brasil, Souza (op. cit) relata que as primeiras instituições de ensino para crianças, as creches, surgiram em meados do século XIX sem intenção de fundo pedagógico e intencionavam liberar a mão de obra barata de mulheres pobres reduzindo as taxas de maus-tratos, abandono e mortalidade infantil, disciplinando e apaziguando a convivência com a população mais carente.

Como o cuidado infantil assumiu viés de papel feminino, enraizou-se no imaginário popular que o homem é um ser incapaz de cuidar e de educar uma criança, ao menos, não com a mesma destreza de uma mulher.

Essa pretensa incapacidade masculina no exercício do cuidado e da educação de crianças pequenas, bem como as suas conseqüências, é o que debateremos nas próximas seções.

As Percepções Sobre o Professor Homem na Educação Infantil

As afirmações da seção anterior suscitam questões e conseqüências que buscaremos elucidar nos subtítulos que seguem.

Como a sociedade enxerga o homem que escolhe estar docente na Educação Infantil? E as famílias das crianças, como enxergam esse homem educando (ou apenas cuidando) dos seus filhos? E os outros profissionais, como lidam com esse profissional tão fora de lugar? E esse homem que está/é docente na Educação Infantil, como ele se percebe enquanto parte atuante dessa etapa da educação?

Todas essas questões já trazem entranhadas em si mesmas e nas suas respostas, como conseqüência, as dificuldades e os desafios que esse profissional precisa enfrentar para conseguir exercer a sua atividade laboral.

A partir deste ponto, buscarei abordar todas essas questões.

O Professor Homem Sob a Ótica da Sociedade e da Comunidade Escolar

Monteiro e Altmann (2014), afirmam que a sociedade utiliza o masculino e o feminino para a hierarquização de atividades e desigualdade na oferta de trabalho, criando, assim, profissões masculinas e femininas.

Entre as profissões que foram socialmente “sexualizadas”, a Educação Infantil é uma das que mais envolve preconceito de gênero. Até mesmo os profissionais da área sentem dificuldade em aceitar a presença do homem nesse ambiente.

A feminização da Educação Infantil gera desafios que, para os homens, vão além do exercício da função “como deve ser”. Monteiro e Altmann (2014) dizem que

nas análises das trajetórias dos professores, ficou evidente que, além dos desafios intrínsecos à docência na educação infantil, no caso dos homens professores ocorrem dificuldades relacionadas a noções hegemônicas de



masculinidade que se mostraram incompatíveis com o trabalho pedagógico nessa etapa da escolarização. As questões presentes nas trajetórias dos professores homens revelam quão polarizadas se mostram as noções de feminino/masculino em nossa sociedade e a necessária perspectiva relacional para compreender as relações de gênero na profissão docente (Monteiro; Altmann, 2014, n.p.).

Estranhamento é uma palavra recorrente sobre a presença do homem na Educação Infantil, exemplo disso é a declaração de Monteiro e Altmann (op. cit) de que

a maioria dos professores entrevistados relatou a existência de algum tipo de “estranhamento” nesse (re)começo, seja por parte de cada um deles em relação ao trabalho a ser desenvolvido, seja pelo “olhar do outro” acerca de sua presença em uma profissão exercida predominantemente por mulheres (Monteiro; Altmann, 2014, n.p.).

Fica claro que o homem não é, ao menos no ideário popular, social e/ou político, presença bem quista e de fácil aceitação no ambiente da Educação Infantil.

Assim, a escolha pela docência de crianças pequenas para o homem, acaba se configurando como uma escolha de “revolta” contra o sistema, uma luta diária e infinda em busca da afirmação da sua capacidade de ser aquilo que se preparou para ser.

Monteiro e Altmann (2014) dividem os desafios da docência na Educação Infantil em duas categorias: aquelas comuns à docência, como lidar com machucados decorrentes da fragilidade da criança, divergências de concepção pedagógica com a coordenação ou a gestão; e a outra categoria é os desafios concernentes à presença do homem como docente, em que aquele machucado, outrora comum à idade ganha outras dimensões que geram pedidos de troca de turma da criança para uma outra turma em que seja uma mulher a professora, e mesmo sem que haja motivos, são comuns abaixo assinados “exigindo” a saída do professor homem, questionamentos sobre o momento da higiene das crianças, troca de fraldas, hora do banho, entre outras situações, excludentes, discriminatórias e desnecessárias.

Tudo isso reforça que o homem professor de Educação Infantil precisa provar mais do que a definição legal e pedagógica que a função exige, vivendo uma espécie de “estágio probatório infinito”.

A sexualidade do homem que opta pela Educação Infantil também está sempre em “xeque”, a imagem do homem hetero, cis gênero parece uma peça que não se encaixa em um quebra-cabeça. Souza (2010), em entrevista com gestora e professoras de uma creche, ouve-as admitirem que perguntaram entre si se o novo professor homem, com todo aquele porte físico era gay.

Isso escancara a visão sexista que está entranhada na sociedade e que chega até a instituição de ensino, onde estão profissionais que já deveriam estar cientes da docência como atividade profissional e não atividade inata, maternal.

Depois de perceberem o comportamento e a postura do professor, que, pareciam incondizentes com a de um homossexual, as funcionárias passaram a tecer outros comentários: seria ele um conquistador? Assim, passa a ser tido como objeto de cobiça, ou desejo de algumas daquelas mulheres.

Diante do exposto, não tem como não me utilizar, novamente, do termo “estranheza” para referir a presença desse homem que chega em um ambiente predominantemente feminino.



A sexualidade é tema constante nos relatos das profissionais da creche. Primeiro inferem que o professor poderia ser gay. Depois, que seria um conquistador, um “ganhão”, tornando-o objeto de desejo. Por fim, o homem que estava ali apenas por que escolheu a Pedagogia (ou foi escolhido por ela) é visto em várias expertises, exceto naquela que deveria ser: um professor.

Com o passar do tempo os relatos passaram a ser positivos e focados no profissional e menos no homem, mas é perceptível que o caminho do homem nessa etapa da Educação Infantil é mais árduo do que o da mulher, mas, antes da avaliação positiva por parte do restante da equipe da creche, a gestora admite surpresa e espanto com os sucessos dele como um professor, um profissional da Educação Infantil.

Na relação com as famílias, Souza (2010) relata uma resistência inicial. Uma mãe se refere à própria concepção sobre de ter um homem como professor de sua filha de 3 anos como preconceituosa. “É que os comentários, né, falaram que lá a diretora era muito legal, boa[...] foi essa confiança na direção que, a princípio, levou a mãe de Clara a aceitar a situação de ter um homem como educador de sua filha” (Souza, 2010, p.79).

Em sua entrevista, a mãe de Clara disse

ai, por mais preconceito que eu tava, eu achava que ele iria cuidar muito bem dela, porque eu pensava ‘se ele tá lá, não é a primeira vez que o...’, eu pensava assim que aquele não era o primeiro ano que ele tava trabalhando lá, né, eu imaginei que ele já tava bem antes, eu não cheguei a perguntar, nada, mas aquilo ficou na minha cabeça, ele já tava lá, então sinal que ele é um bom educador, cuida muito bem das crianças. [...] É, nem quis ter certeza, falei..., eu ficava com vergonha, sabe, de perguntar pra dona Helena se ele já tava lá antes, aí eu não perguntei, fiquei... mas eu acho que ele já tava lá, aí eu fiquei com aquilo na cabeça (Souza, 2010, p. 79).

Esse relato demonstra a resistência que as famílias têm em aceitar um professor na Educação Infantil. Nesse caso específico, a aceitação foi vinculada à imagem prévia que a mãe tinha da gestora que lhe gerou confiança na instituição.

A gestora da creche nunca “alertou” as famílias sobre um homem ser o professor da turma dos seus filhos no ato da matrícula. Alguns pais, que trabalhavam e não podiam levar as crianças à creche, só ficavam sabendo disso nas reuniões de pais e mestres, o que era bom para que o professor tivesse tempo de mostrar o seu serviço antes da sua masculinidade, ou da sua competência em razão da sua masculinidade serem questionadas.

Outra mãe deu um depoimento importante em uma reunião de pais e mestres

a mãe de Sara, que estava acompanhada do marido, único homem presente na reunião, manifestou-se com entusiasmo, dizendo que no início, quando soube pela filha que ela tinha um professor, foi um grande susto, e que saiu perguntando para as pessoas com quem tinha relação se já haviam visto um homem como professor na creche. Mas aos poucos foi se tranquilizando, segundo ela porque a filha sempre respondia a seus questionamentos dizendo que o ‘tio’ era maravilhoso (Souza, 2010, p. 83).

A feminização do espaço da Educação Infantil se apresenta em duas vertentes nesse relato, no reconhecimento da preocupação inicial com um professor homem na sala da sua filha e na constatação de haver apenas um homem representando as



famílias na reunião, acompanhando a esposa, e, não seria nenhum disparate supor que sozinho talvez nem fosse “o único homem na reunião.

Essa declaração mostra o reconhecimento do preconceito, que é o primeiro passo para a mudança, e a superação do preconceito externada para que outras pessoas possam conhecer e até serem coparticipantes da sua experiência.

A mãe de Clara também relatou as mesmas impressões quando foi perguntada sobre a sua percepção inicial sobre ter um homem como professor de sua filha

eu fiquei muito preocupada né, ficava pensando assim “nossa minha filha é uma menina vai ser tratada por um homem”, né, fiquei preocupada, fiquei com medo também, mas depois eu vi que não tinha nada disso, que foi só uma coisa que tava na minha cabeça mesmo, porque o povo fala tanta coisa, né, a gente põe na cabeça, mas eu vi que não era nada disso, gostei muito. [...] Conversei, ele (o marido) também falou “oh, não tem perigo não?”, eu falei “não, não tem nada não, porque tem uma mulher junto, ele vai cuidar dos meninos na forma do banheiro, ele ficava preocupado com isso, né, eu falei ‘não, a professora leva as meninas e o professor leva os meninos’ (Souza, 2010, p. 83).

A preocupação do pai, mostra o preconceito que o próprio homem tem em relação à sua figura nesse espaço. Isso não é questão pessoal, não é que pessoas pensem isso ou aquilo, mas sim uma construção social que faz com o que o próprio homem desconheça e duvide daquilo que já está estabelecido para si como sendo de homem e de mulher.

Na próxima seção, abordarei sobre como o professor homem se reconhece (ou não) como docente na Educação Infantil. Será que ele se percebe como parte desse espaço? Entende estar no lugar certo? É um estranho no ninho?

O Professor Homem na Educação Infantil e a sua Percepção Sobre a sua Presença nesse Espaço

Os parágrafos anteriores mostraram que a sociedade é preconceituosa e resistente ao homem como professor na Educação Infantil.

Por meio da história e da legislação foi possível entender a concepção de docência e o seu processo de feminização. Esse percurso, até os primórdios da educação, mostrou a construção do nosso conceito sobre a Educação Infantil e os seus atores, os desafios comuns à docência e os que extravasam o âmbito educacional culminando no gênero feminino como o ideal para essa etapa da educação.

Vimos o docente homem na Educação Infantil por outros olhos. Proponho que façamos uma viagem de introspecção e empatia, assumindo o lugar desse homem para entender suas razões, desafios, contribuições para esse ambiente, e mais do que isso, a construção do sentimento de pertencimento na educação e no cuidado da criança pequena no espaço escolar.

No começo, a primeira semana eu queria voltar, ir lá ao Estado, pedir cancelamento da minha exoneração, e voltar para o Estado. Porque a gente, apesar de eu ter trabalhado com educação infantil um ano, mas no Estado meu público era de quinta a ensino médio, de quinta série antiga, até o ensino médio. E era outro perfil de aluno, outra clientela, era outra forma de trabalho (Monteiro; Altmann, 2014, n.p.).



Nesse relato, o professor Albarus fala sobre a dificuldade que sentiu quando chegou à Educação Infantil, não se sentiu pertencente àquele ambiente e quis voltar para onde estava anteriormente.

Já o professor Miguel, também entrevistado por Monteiro e Altmann (2014), fala sobre as dificuldades do seu início no magistério, inseguranças, incertezas e como hoje, com a experiência, aprendeu a colocar o seu trabalho em evidência.

Por exemplo, em reuniões com os pais, a primeira coisa que ele faz é apresentar o seu planejamento, “olha, isso aqui é um documento, eu que planejei (...) de acordo com os documentos da escola, e com os documentos federais, de acordo com os outros professores, de acordo com a faixa etária e tudo mais” (Monteiro e Altmann 2014, n.p.). Depois disso, oferece uma cópia a cada pai.

Essa ação retira a figura do gênero do centro e coloca o profissional em evidência. Assim, oferece segurança e profissionalismo aos pais, é como se deixasse claro em que ele pode ser cobrado, “nas próximas reuniões eu gostaria que vocês tivessem em mãos isso daqui e, se não entendeu alguma coisa, questiona, pergunta, cobra” (Monteiro e Altmann 2014, op. cit).

O professor Miguel finaliza dizendo que essa atitude lhe dá um sentimento de segurança e conforto em relação ao seu trabalho, sentimento esse, que não tinha no seu início de carreira.

As falas dos professores Albarus e Miguel revelam insegurança no ingresso na Educação Infantil, mas, também esclarecem que é possível pertencer a esse ambiente.

As colocações do professor Miguel mostram temeridade e necessidade de se mostrar como profissional. Isso remete a falas anteriores do texto de que o homem precisa se mostrar capaz de estar em um lugar que de “fato” não lhe pertence.

Sobre os medos, incertezas, desafios e até a vontade de desistir, Vicente disse o seguinte olha, num primeiro momento eu fiquei com muito medo de vir, de mudar de serviço, vir trabalhar com crianças menores, aí teve aquele... aquele... aquele impacto das famílias te olhando por você ser homem, eu achei até que em certos momentos eu não ia dar conta, né, ia ter que voltar a trabalhar lá onde eu estava. Mas... a direção da escola me apoiou bastante, me ensinou muito e... acho que foi por Deus mesmo que, que ele colocou uma parceira na sala que pôde me ensinar muita coisa e a gente se deu super bem, entendeu, porque poderia também não ter dado e... ia acabar sendo mais frustrante. Mas deu tudo certo, graças a Deus, e eu acho que o trabalho foi bom e a tendência agora acho que é melhorar com o passar do tempo (Souza, 2010, p. 67).

Apesar do medo dos olhares que lhe pareciam de julgamento e da desconfiança quanto à sua própria capacidade, graças ao papel da gestora da escola que atuou como o suporte desprovido de preconceito e a parceria encontrada na sua assistente de sala “colocada por Deus”, deu tudo certo.

Então, sim. A Educação Infantil é um espaço de homem. É lugar de qualquer profissional sério que se identifique com ela e que queira estar ali.

Apesar disso, as posturas dos professores homens também refletem a Educação Infantil como sendo espaço de mulheres. Isolamento e “espaço” para que não seja empecilho nas relações entre as mulheres da unidade escolar são posturas adotadas pelo professor Vicente que traz o seguinte relato



eu já trabalhei com outras mulheres, eu me sinto tranquilo de fazer o trabalho. Às vezes eu mesmo me isolo, não que as meninas queiram, mas eu mesmo fico mais separado pra dar um pouco mais de liberdade pra elas, às vezes elas querem conversar de outras coisas, mas, em relação a isso acho que tranquilo, eu me sinto bem trabalhando aqui com as crianças, com as meninas, com o pessoal aqui da creche. Me dou bem com elas, mas às vezes é isso, às vezes eu me afasto pra deixar elas um pouco mais à vontade, porque eu acho que a minha presença como homem às vezes as atrapalha (Souza, 2010, p. 67).

O sentimento de pertencimento ainda não é uma realidade para o professor Vicente. Ele diz fazer parte, trabalha ali, mas sente a necessidade de isolamento, sente que a sua presença pelo fato de ser homem atrapalha.

Talvez alguém diga que não é bem assim, é uma decisão dele se isolar, isso é como em qualquer outro ambiente, se você sente que as pessoas precisam de espaço, você dá. Sim. Até concordo. Mas a postura do professor Vicente não é por que alguém precisa conversar algo sensível e você percebe que seria de bom tom dar espaço para não parecer “abelhudo”. Não. É uma condição em que ele não faz parte de um círculo de interesses por causa do gênero. E esse círculo de interesses foi construído com base no processo de feminização do ambiente em que ele, relutantemente, insiste em estar.

O professor Vicente também faz uma autoavaliação que apresentaremos a seguir, até por que esse é o principal interesse deste subtópico, discutir sobre o que esse profissional reflete sobre si mesmo como ator da Educação Infantil e assim poder assumir o seu lugar e introspectar a esse respeito

eu acho que a seriedade, né, eu acho, é... concentração naquilo que está fazendo, fazer porque gosta de fazer, como a própria Helena diz, né, “a gente tem que, se está fazendo isso é porque gosta” e eu aprendi a gostar. No começo eu vim é... procurando melhorar, melhoria salarial porque eu tava com a família nova ali, outro filho, procurando melhores condições pra mim, mas eu aprendi a gostar de trabalhar com a criança e eu acho que eu trabalho... a seriedade em trabalhar com ela é o que me ajuda a ser o educador que eu sou (Souza, 2010, p. 69).

Seriedade é a primeira característica citada como ponto positivo e determinante para o seu sucesso e gostar de fazer, apesar de assumir que quando chegou a Educação Infantil buscava apenas um salário melhor.

É engraçado que ao ler a palavra seriedade vinda de um homem me dá a impressão de sisudez, parece mais visual do que conceitual, e, digo isso sendo homem, até por que quando ouço falar que eu sou sério sempre remetem ao meu semblante.

Essa reflexão é importante para entendermos como somos construídos, moldados por fatores externos, e, se um parecer ao meu respeito diz tanto como eu posso perceber algo que talvez você não perceba, imagina como toda a narrativa construída historicamente sobre a Educação Infantil como espaço feminino impacta nas nossas percepções sobre esse isso.

Dito isto, continuemos a refletir a fala do professor Vicente.

O que está implícito na motivação do professor é que não havia uma escolha em ser da Educação Infantil, o que houve foi uma oportunidade.

Nos estudos para a construção deste artigo, a oportunidade é o motivo mais comum para a chegada do homem à docência na Educação Infantil. Como se caíssem



de paraquedas ali, sem identificação com a função e até com sentimento de inaptidão. Afinal, isso com certeza é coisa de mulher.

Mesmo já tendo dito, baseado nos relatos dos professores, que o pertencimento é possível para o homem na Educação Infantil, ainda não é um fato.

É necessário que haja mais discussões, com maior amplitude, debates que transbordem da academia para a sociedade geral, para que possamos, amanhã, talvez, perceber o homem como partícipe comum na docência da Educação Infantil.

Não sou, todavia, crédulo ao ponto de imaginar que mudaremos uma história que vem sendo construída há mais de 150 anos apenas com conversas. Ao cabo que a narrativa que nos trouxe ao ponto que estamos hoje não foi só verbal. Houve mudanças na sociedade que moldaram o conceito docente que temos hoje para a Educação Infantil.

Logo, é necessário agir subsidiados por políticas públicas que fomentem o interesse do homem em estar na Educação Infantil. Para isso precisamos entender se há, e quais seriam os malefícios que a ausência do homem pode trazer à formação da criança e conseqüentemente à sociedade. O principal ponto dessa discussão é o reconhecimento da Educação Infantil como educação formal na prática, e, a sua feminização só reproduz o conceito de maternidade que lhe é atribuído.

Material e métodos

Para a construção deste artigo foi utilizada uma pesquisa científica que, conforme Gil (2002, p. 17), “pode ser definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Para chegar objetivos propostos, esta pesquisa, de caráter qualitativo, tendo em vista que “a pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais[...]” (Esteban, 2010, p. 127), foi realizada com a abordagem da Revisão Sistemática da Literatura (RSL).

Sampaio e Mancini (2007), descrevem quatro passos para a realização bem sucedida de uma RLS: 1- definir a pergunta a que se pretende responder (o problema da pesquisa); 2- buscar a evidência; 3- revisar e selecionar os estudos; 4- analisar a qualidade metodológica dos estudos.

Por meio do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo acesso à Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), conteúdo pago pela Universidade de Pernambuco (UPE), utilizando as palavras-chaves: **HOMEM, EDUCAÇÃO INFANTIL E DOCÊNCIA** e um recorte temporal do ano de 2022 ao ano de 2024, com filtro apenas para artigos em Língua Portuguesa, respeitando os passos propostos pelos autores, e de acordo com os critérios de busca estabelecidos, foram encontrados um total de dezesseis artigos que abordam o tema proposto, e, após a leitura dos mesmos, adotamos os seguintes critérios de exclusão:

1-Textos que não tenham como objeto o homem atuando em docência na Educação Infantil;

2-Textos que não tenham pesquisa de campo com intuito de colher relato dos próprios professores homens que estejam atuando, ou que atuaram recentemente na Educação Infantil.



Depois da leitura e da classificação dos textos, restaram quatro títulos para análise, que seguem no quadro abaixo, organizados de acordo com a ordem em que foram analisados.

Quadro 1 - artigos incluídos na RLS

TÍTULO	AUTORES	ANO
Docência masculina na educação infantil: será esse um espaço somente de mulheres?	Duarte, Leonardo Felipe Gonçalves; Duarte, Rodrigo Gonçalves; Martins, Ida Carneiro	2023
Professores homens no contexto da educação infantil: dos estranhamentos às possibilidades de subversão	Silva, Marciano Antonio da; Lage, Allene Carvalho	2022
Atuação de homens na educação infantil: desafios e possibilidades da profissão docente	Bezerra, Erivaldo; Cordeiro, Maria José de Jesus Alves	2022
Professores homens na educação infantil: masculinidades, docência e desconstrução de lugares fixos	Menezes, Cíntia De Paula Borges	2022

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Resultados e discussão

Nesta seção de análise de dados sobre a pesquisa de Revisão Sistemática da Literatura (RSL), destacamos que foi conduzida com o objetivo de sintetizar e interpretar as informações coletadas de forma abrangente e objetiva. Para isso, será feita a explicação da abordagem metodológica dos artigos incluídos e a síntese dos achados relevantes foram desdobradas nas subseções: *Os desafios enfrentados pelo professor da Educação Infantil à luz das pesquisas científicas*, e, *Analisando a autopercepção do professor homem docente na educação infantil*.

Os Desafios Enfrentados pelo Professor Da Educação Infantil À Luz Das Pesquisas Científicas

Duarte, Duarte e Martins (2023) realizaram uma pesquisa intitulada *Docência masculina na Educação Infantil: será esse um espaço somente de mulheres?* O estudo objetivou compreender como a docência masculina pode causar estranhamento na comunidade escolar.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve os dados produzidos por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado e análise interpretativa dos dados. Os autores buscavam responder ao seguinte problema de pesquisa: Por que os homens não são vistos como sujeitos capazes de atuar na Educação Infantil? Por qual razão existe tamanho estranhamento com a ação do professor? (Duarte; Duarte; Martins, 2023, p. 3).

As entrevistas foram realizadas com quatro professores homens, que atuam e/ou atuaram na Educação Infantil. Segundo os autores, os professores foram



selecionados seguindo dois critérios: possuir formação em Pedagogia e serem professores homens atuantes, ou que atuaram, com crianças de idades de 0 a 5 anos.

Silva e Lage (2022) tratam de uma pesquisa de mestrado, intitulada *Professores Homens no Contexto da Educação Infantil: dos estranhamentos às possibilidades de subversão*, que objetivou investigar os condicionantes experienciados por professores homens no exercício da profissão docente no contexto da Educação Infantil na região Agreste de Pernambuco.

Diante de discussões sobre os constructos essenciais e binários, os autores buscam refletir acerca dos principais estranhamentos e subversões que cercam as trajetórias desses professores no âmbito da sua profissão a partir de entrevistas realizadas com professores homens que atuam na Educação, mais precisamente nos municípios de Bezerros e Santa Cruz do Capibaribe.

Nas escolhas teóricas, os autores, entre outros argumentos, afirmam que a inserção de professores homens na Educação Infantil contribui para a desmitificação da docência nessa etapa de ensino enquanto um trabalho feminino, pois, rompe com os estereótipos de gênero reproduzidos nesse campo profissional.

Bezerra e Cordeiro (2022) em seu estudo, *Atuação de Homens na Educação Infantil: desafios e possibilidades da profissão docente*, buscaram analisar a situação dos professores homens na docência da Educação Infantil, demonstrando as principais dificuldades e desafios que enfrentam no desenvolvimento de suas funções. Para atender a esse objetivo, além de uma pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo na cidade de Dourados-MS. A coleta de dados foi realizada por meio de aplicação de questionário com dois professores da Educação Infantil.

Os autores priorizaram fazer uma análise e destacar a importância da figura masculina na formação de crianças pequenas nos Centros de Educação Infantil. Entre as escolhas teóricas deles, abordam sobre a “feminização da docência”, “as relações entre gênero e a importância do homem na docência infantil” e “a escolha dos homens pela profissão docente e as disposições da LDB”.

Os autores abordam ainda as questões históricas de que, inicialmente, a docência era exercida pelos homens e com a Revolução Industrial, ela passou a ser exercida por mulheres, que recebiam salários menores. Se aportaram em outros teóricos e buscaram apresentar os benefícios da docência exercida por homens na Educação Infantil e destacaram que ela poderia suprir a ausência do pai (para aquelas crianças criadas apenas pela mãe), afirmando que os homens podem ser modelos positivos do papel masculino para as crianças, contribuir para despertar o interesse dos meninos pelos estudos e apresentar relações de gênero saudáveis, além de demonstrar equidade de gênero na formação inicial das crianças.

Menezes (2022), em seu artigo *Professores Homens Na Educação Infantil: masculinidades, docência e desconstrução de lugares fixos*, realizou uma pesquisa qualitativa com professores homens da Educação Infantil que atuam na rede de ensino municipal da cidade de Campinas/SP.

A autora destaca que foram escolhidos dois professores: Ruy, que atua nos agrupamentos I¹ (AGI) e II (AGII), e Adriano, que atua apenas no agrupamento III

¹Através da resolução SME nº. 23/2002, publicada no Diário Oficial em 13/11/2002, o município de Campinas/SP implementou na Educação Infantil os Agrupamentos Multietários. Sendo assim, as crianças são divididas em turmas multietárias, a saber: Agrupamento I (AGI) - crianças de 3 (três) meses a 1 (um) ano e 11 (onze) meses; Agrupamento II (AGII) - crianças de 2 (dois) a 3 (três) anos e 11 (onze) meses; e Agrupamento III (AGIII) - crianças de 4 (quatro) a 6 (seis) anos. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2013).



(AGIII). A pesquisa foi realizada no período da Pandemia por Covid-19 e o contato entre pesquisadora e pesquisados foi feita por mídias digitais (Facebook, Google Meet, WhatsApp e e-mail).

No artigo, a autora aborda sobre Masculinidade e Educação Infantil na perspectiva dos corpos esperados na docência da infância, o corpo masculino adulto na Educação Infantil: enftretamento e estranhamento e o professor homem e suspeitas sobre eventual (in) capacidade e abuso sexual.

A partir das análises das narrativas dos professores a autora considera que o baixo quantitativo masculino tem motivação histórico-social e funda-se na construção de gênero e divisão sexual do trabalho.

Essas análises demonstram que a maior dificuldade que os homens enfrentam para atuar como docente na Educação Infantil, ainda é o estranhamento que a sua presença desperta nas famílias, na sociedade e no corpo escolar.

Outros aspectos que podemos destacar, a partir da leitura do artigo de Menezes (2022) são a identidade de gênero que se atribui ao homem que decide estar nesse espaço, pois infere-se, primeiro, que deve ser gay, e, depois identificam como “um corpo” que pode vir a oferecer risco sexual por conta do seu desejo incontrolável. Ou seja, o homem é um pedófilo em potencial.

Analisando a autopercepção do professor homem docente na educação infantil

Agora que já conhecemos um pouco de cada título selecionado para a RSL, analisamos e refletimos sobre as questões levantadas nas pesquisas dos autores.

Silva e Lage (2022), elegeram, enquanto objetivo geral, refletir acerca dos principais estranhamentos e subversões que cercam a trajetória dos professores homens que atuam na Educação Infantil, fundamentado na pesquisa qualitativa, onde realizaram uma série de entrevistas com 03 (três) professores homens que atuam nessa etapa da Educação Básica.

Esses relatos denunciam a visão que a sociedade, as famílias de alunos e profissionais da Educação Infantil, ou das secretarias de educação têm sobre a presença do homem como professor da Educação Infantil.

Sobre isso, Menezes (2022) lembra os questionamentos suscitados por Silva; Martins (2016) “ao aparecer a possibilidade de um homem praticar essa atividade, podem-se levantar questões do tipo: até onde isso é ou não permitido, pela sociedade, pela escola e, por que não, pelo próprio homem?” (Menezes, 2022, p. 75).

Ainda buscando resposta para essa questão, Menezes (2022, p. 77) observa que

os estereótipos de gênero acompanharão o indivíduo ao longo dos anos e direcionarão comportamentos para o que se espera de ‘ser mulher’ e ‘ser homem’. A afirmação ‘é menina’ ou ‘é menino’ não significa apenas a confirmação de que ‘rosa é de menina e azul é de menino’, ela também reproduz feminilidades e masculinidades, divide indivíduos, preconiza identidades, gera possibilidades e impossibilidades e indica profissões e espaços a serem ocupados por cada sujeito de acordo com seu órgão genital aparente.



Seguindo essa linha de raciocínio, Menezes (2022), pontua que a criança do sexo masculino brincar de boneca ainda causa pânico na sociedade, e, homens que atuam em profissões fora do masculino padrão têm a sua virilidade posta em risco.

Os relatos dos professores entrevistados deixam claro que a construção social em torno da Educação Infantil torna o ambiente difícil para a atuação do homem como docente, “Adriano relatou estranhamento por parte da comunidade, família, professoras, colaboradoras/es e das crianças. Ruy sentiu estranhamento da comunidade e da família [...] Eu sempre fui o único professor homem nos locais que trabalhei [...] Uma mãe me falou que homem não foi feito para isso e outra mãe pediu para trocar a filha de turma” (Menezes 2022, p. 82).

Outras questões que foram apontadas são a falta de aptidão natural do homem para lidar com criança e a sua potencialidade de ser um abusador.

Nos primeiros anos que comecei foi bem difícil a relação com a família, não havia a aceitação para um homem estar ali. Uma mãe chegou a falar que homem não foi feito para isso, outras famílias queriam que mudassem as crianças de sala, inclusive, um menino foi tirado da escola quando não foi mudado de turma. Teve uma mãe que não acreditava na minha capacidade como professor e criticava a ludicidade, quando a criança caiu, ela mudou de turma (Menezes 2022, P. 84).

Esse relato demonstra a resistência da família à presença masculina na função de docente na EI. Nas entrelinhas, além de denotar a incapacidade do homem “cuidar” da criança, ainda podemos ler o receio, o medo de tê-la sob a tutela de um homem com tanto potencial de causa-la dano, ou ser um risco à integridade física da mesma. Se assim não fosse, não haveria a necessidade de mudar a criança de uma escola para outra. Talvez, se uma profissional do sexo feminino estivesse cuidando da turma, a criança não houvesse caído.

O relato a seguir do professor Darcy, obtido por Silva e Lage (2022), também traz uma visão preconceituosa e de estranhamento na declaração de que ser professor de crianças pequenas “é um impacto, ‘- creche?’ ‘- Tu é da creche?’ ‘- Tu ensina em creche é?’”, realmente é um impacto [para as pessoas], pois ainda se tem essa visão de creche, da figura feminina, então, muitos ainda veem com preconceito. Então, o sentimento é de estranhamento” (Silva e Lage, 2022, n.p.).

Silva e Lage (2022), ainda complementam esse pensamento, dizendo que inicialmente não existe confiança no trabalho dos professores homens, nem dos familiares, nem da comunidade escolar, o que faz com que estes precisem provar diariamente a capacidade de exercer essa atividade.

O professor Darcy destaca que em momento algum, nenhuma criança demonstrou desconforto ou estranhamento com a sua presença (Silva; Lage op. cit).

Duarte, Duarte e Martins, (2023) chamam a atenção para a composição do magistério, majoritariamente feminino, como um fator que reforça o estranhamento da família e da sociedade quando se depara com o homem em uma sala de aula da Educação Infantil.

Os relatos dos professores dialogam com essa percepção

é... porque... como a creche... ela é vista como um lugar que é para cuidar só... então, a maioria dos pais não tem esse hábito de trocar a fralda das crianças, então... eles estão meio que, não entendem... ou acham estranho, um outro homem fazer isso, né... principalmente os pais de menina, não é? Então, eles... como é que você vai limpar minha filha? Eles nunca falam isso



diretamente, mas eu percebo. Diretamente comigo não aconteceu... mas este ano a diretora me chamou... para me comunicar, né... que duas mães de menina vieram questionar porque que eu que era o professor delas... porque que um homem iria estar na escola... como professor... que elas ... eu não sei se elas queriam trocar de sala as filhas delas... mas a diretora explicou pra elas da minha competência como professor e que eu tinha a mesma competência das outras professoras e elas (Duarte; Duarte; Martins, 2023, p. 11).

O primeiro professor entrevistado por Duarte, Duarte e Martins (2023), deixa claro o incômodo com o possível manuseio de uma criança do sexo feminino por um homem adulto. Importante perceber que esse incômodo trespassa o âmbito profissional e entra na esfera do “medo” do toque da figura masculina.

Aí, esse ano, numa conversa e tal... que a gente faz... eu esqueci o nome... E... uma família pegou e falou... se esse professor fosse o professor da minha filha eu não sei se eu iria querer ele lá. Daí foi uma conversa aberta, né... porque que era uma avaliação... e veio todo mundo em defesa. Não, mais isso, tal... E aí... os pais das crianças da minha turma, não é? Também entraram em defesa e tal... Em conversa com a coordenadora, eu falei assim: olha, eu achei tão estranha, a fala dela. Daí, ela me disse, então, nem foi só a fala dela... no começo do ano... daí que ela veio com essas histórias, entendeu? Mas até então elas nem tinham aberto isso pra mim (Duarte; Duarte; Martins, 2023, p. 11).

O segundo relato, não fala só do estranhamento, mas da agressividade, da ofensa explícita, taxativa na afirmação de uma família que afirma não saber se iria querer um professor homem para a sua filha. O bom desse relato é a defesa que as famílias dos alunos do professor e da gestão da escola.

Outro ponto que está implícito no texto é o incômodo que o professor sentiu com a situação, isso porque a sua fala demonstra receio e insegurança nas pausas indicadas pelas reticências, como se procurasse as palavras certas, ou se deveria ou não continuar.

Bezerra e Cordeiro (2022, p. 184-185), discutem sobre a habilitação docente para a Educação Infantil, enfatizando que verifica-se que a LDB (Brasil, 1996) não expõe como requisito o gênero feminino para exercer a docência em nenhuma de suas etapas, mas apenas determina a habilitação adequada, isso contrasta com as falas da mãe que, de forma explícita manifesta oposição à presença do professor homem, e a exigência de uma mulher como fator decisivo para a permanência de sua filha em uma sala de aula, mesmo em detrimento ao homem que cumpre com todos os requisitos necessários para exercer a função.

O primeiro fator que aponta para a feminização da docência na Educação Infantil, presente na fala dessa mãe, é a história.

Com a finalidade de traçar uma linha histórica sobre a feminização da Educação Infantil, Duarte, Duarte e Martins (2023) trazem o seguinte relato

[...] o magistério, na educação infantil, sempre teve caráter feminino [...]. Com a industrialização, as mulheres de menor poder aquisitivo, da classe mais pobre, passaram a trabalhar muitas horas, nas fábricas, e, desse modo, tiveram que responsabilizar alguém pela educação e pelo cuidado das crianças pequenas. Por outro lado, as que não estavam empregadas, vendiam o seu tempo para cuidar de crianças, as chamadas mães mercenárias [...]. o processo de cuidar de crianças, por essas mulheres mercenárias, envolveu tamanha procura que os maus-tratos, a fome e



violência infantil aumentaram, porque se pretendia que as crianças fossem mais passivas e fáceis de cuidar[...]. as famílias mais pobres não se importavam muito, visto que o objetivo era sobreviver[...]. As escolas de educação infantil surgiram [...] como um meio de fomentar o assistencialismo, para que as mães pudessem trabalhar e manter alguém para cuidar de seus filhos em casa. De forma institucional, só existiam os abrigos religiosos, que atendiam às crianças com baixas condições socioeconômicas e sem famílias. Com o surgimento das instituições de cuidados, as mães de famílias mais pobres passaram a ter suporte para tomar conta de suas crianças. Mais adiante, no tempo, o processo educacional evoluiu, quando então foram estabelecidos os ‘jardins de infância’. [...] o jardim da infância foi pensado por um homem que acreditava que as mulheres seriam as melhores ‘jardineiras’ (Duarte; Duarte; Martins 2023 p. 2-3).

A história mostra que a Educação Infantil foi desde o seu princípio pensada para a atuação feminina e que o tempo tem reforçado essa construção. Menezes (2022, p. 79) citando Rosemberg (1999) diz que “por outro lado, ao contrário dos demais níveis educacionais, a Educação Infantil foi desde o início pensada como espaço feminino”. Bezerra e Cordeiro (2022, p. 179) reforçam que “decorrentes desse processo histórico, o trabalho docente tornou-se ao longo dos anos uma atividade exercida principalmente pelo sexo feminino”, e, Silva e Lage (2022, n.p.), que dedicam quase duas laudas para tratar desse assunto dizem que

a reprodução dessa realidade, contribuiu significativamente para a naturalização das fundamentações arcaicas que colocavam as mulheres enquanto sendo as pessoas mais adequadas para realizarem um trabalho com as crianças, pois dentro de uma visão patriarcal, estas deteriam de instintos e/ou dons maternos.

Durante a pesquisa de campo de Menezes (2022) os professores entrevistados, relataram que nunca trabalharam com outro professor homem no mesmo espaço escolar.

Sobre o espaço escolar, um dos professores ainda cita que as dependências da creche são mais apropriadas às mulheres, balcões, trocadores, chuveiros baixos que favorecem pessoas de menor estatura, menor “densidade corporal”, características mais comuns ao corpo feminino e que por conta disso sente dores constantes na coluna.

Menezes (2022, p. 81) ao utilizar Teixeira e Raposo (2007) afirma que

os banheiros são espaços de ratificação de poderes, classes sociais, raça e gênero; os banheiros têm alta densidade simbólica e materializam concepções. A inexistência de banheiros neutros ou masculinos para os professores de Educação Infantil é mais um mecanismo sutil de exclusão do educador homem destes espaços. Dado que, onde estão os homens na creche e na pré-escola? Na zeladoria, na segurança ou em cargos melhores remunerados, como direção e coordenação pedagógica.

Os professores Darcy e Florestan, entrevistados por Silva e Lage (2022), relatam que mesmo fora do espaço escolar não se sentem aceitos quando dizem que são educadores de crianças. Percebem os olhares, e mais do que isso, as falas de que não é normal que eles estejam trabalhando com crianças.

Diante de situações como essa, é impossível que o homem possa nutrir algum sentimento de pertencimento à Educação Infantil.



Mas, apesar de reconhecer o estranhamento que as suas presenças provocam, Darcy e Florestan também sentem que são agentes de mudança, e ressaltam que, mesmo em passos de formiga, a comunidade começa a aceitá-los como professores capazes de cumprir com as suas funções.

Dessa forma, Silva e Lage (2022), citando Sayão (2005), defendem que a inserção de professores homens nesse território contribui para a desmitificação da docência na Educação Infantil.

Conclusões

A Educação Infantil é um campo de mudanças. Vamos dialogar um pouco sobre o que aprendemos, a que conclusões chegamos e sobre projeções e perspectivas para o futuro. Com base em todos os estudos realizados e apresentados neste artigo, aprendemos que desde os seus primórdios a Educação Infantil assumiu um papel de passividade quanto as mudanças que têm se abatido sobre a sociedade.

Com o advento da Revolução Industrial, uma vez que as mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho e não tinham com quem deixar as crianças, nasce a EI. No Brasil, surge sob o mesmo pressuposto. Ou seja, a EI tem sido sujeita às mudanças que a sociedade lhe impõe sem que seja partícipe dessas mudanças. Uma das imposições que lhes foi atribuída, é o seu caráter de maternidade, que, atrelado, traz a mulher como sendo a sua representante mais adequada.

Recordemos que a razão de homens e mulheres que trabalhavam como professores até 1870 era de 100 homens para 99 mulheres, e que, em aproximadamente cinquenta anos esses números mudaram para algo perto de 100 homens para 400 mulheres, que dá uma diferença de 300%.

Eu sei que já discutimos isso, mas para que possamos entender melhor esses números, peço que olhemos juntos por outro prisma.

Por exemplo, em 1888, mesmo período em que homens e mulheres dividiam o magistério igualmente, a Princesa Isabel assinava a Lei Áurea no Brasil. Um ano depois disso o Marechal Deodoro da Fonseca assumia o governo do Brasil como o primeiro presidente da república. Já tivemos 39 governos presidenciais e, 136 anos depois da assinatura da princesa, ainda discutimos (sentimos) os efeitos da escravidão na sociedade brasileira.

Então, se considerarmos um percentual de avanço de 300% em cinco décadas, assuntos como preconceito racial não deveriam mais fazer parte da nossa sociedade, sendo, no máximo, casos isolados e tratados com rigor e vergonha.

Esse comentário aparentemente fora de contexto, é apenas para provocar a discussão sobre o poder que o Estado e as suas políticas podem ter na construção da sociedade.

Dito isso, retomo a fala que iniciou esta seção: A Educação Infantil é um campo de mudanças”.

Apesar da entranhada concepção de que a Educação Infantil é um lugar de mulheres, do feminino (sim. Por que aprendemos que a sociedade é preconceituosa quanto ao professorado masculino na Educação Infantil), a própria concepção de docente estabelecida na LDB no seu artigo 61 e já apresentada aqui no tópico sobre a feminização da Educação Infantil, diz, logo nas suas primeiras linhas, o seguinte “consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em



efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos”, o que já refuta, de forma jurídica o conceito social a esse respeito.

O argumento jurídico por si só, não é suficiente para contrapor o conceito social. Para isso é preciso enfrentar, fazer com que a própria Educação Infantil seja a protagonista no papel da mudança que discutimos aqui: a educação é lugar de homem também.

Como tornar a Educação Infantil o ator principal de um movimento que atente para a igualdade de gêneros na docência?

O primeiro passo é a inserção do homem nesse espaço. Os estudos de casos apresentados aqui, deixam claro que é a presença do homem trabalhando e mostrando a sua competência que muda a visão estereotipada da sociedade.

Essa presença ainda não é capaz de dar ao homem um sentimento de pertencimento. Na verdade, esse é o ponto que eu senti falta em todos os artigos e nas entrevistas analisadas, que o homem fosse mais ouvido, que a visão dele fosse apresentada como o centro das discussões.

A propósito, o homem como o centro do debate sobre docência na educação é um tema que ainda precisa ser mais discutido e pesquisado.

Referências

APPLE, M. W. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 64, p. 14-23, 1988. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1180>. Acesso em: 8 jul. 2024.

BEZERRA, E.; CORDEIRO, M. J. DE J. A. Atuação de homens na educação infantil: desafios e possibilidades da profissão docente. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, v. 9, n. 20, p. 178-194, 08 maio 2024.

DOI: 10.55028/pdres.v9i20.15254. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/15254/10835>. Acesso em: 8 de maio de 2024.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1988.

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 de junho de 2023.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 de junho de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil, formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 12 de junho de 2024.

DUARTE, L. F. G.; DUARTE, R. G.; MARTINS, I. C. Docência masculina na educação infantil: será esse um espaço somente de mulheres?. *Dialogia*, [S. l.], n. 43, p.



e23762, 2023. DOI: 10.5585/43.2023.23762. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/23762>. Acesso em: 08 de maio de 2024.

ESTEBAN, M. P. S. Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições. Porto Alegre: **AMGH**, 2010.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: **Editora Atlas S.A** 2002.

MENEZES, C. D. P. B. Professores homens na educação infantil: masculinidades, docência e desconstrução de lugares fixos. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, v. 9, n. 20, p. 74-90, 27 maio 2022. DOI: 10.55028/pdres.v9i20.15309. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/15309/10829>. Acesso em 08 de maio de 2024.

MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. *Cadernos de Pesquisa*, v. 44, n. 153, p. 720-741, jul. 2014. DOI: 10.1590/198053142824. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/RLTGrW43VVJqGZPpr3Qdk5p/?lang=pt#>. Acesso em: 5 de junho de 2024

SAMPAIO, R.; MANCINI, M. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan. 2007.

SILVA, M. A.; LAGE, A. C. Professores homens no contexto da educação infantil: dos estranhamentos às possibilidades de subversão. *Revista Pedagógica*, v. 24, p. 1-28, 2022. DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v24i1.6976>. Acesso em 1 de maio de 2024.

SOUZA, M. I. de. Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010. DOI:10.11606/D.59.2010.tde-09022011-201510. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09022011-201510/publico/dissertacaoMaralsisSouza.pdf>. Acesso em: 1 de maio de 2024.